

O ALARME!

JORNAL POPULAR PORTUGUÊS

Escreve-nos para:

Michel Theveniau
2-Rue Pierre Curie
94140-Alfortville

Do Trabalhadores para os Trabalhadores

JUNHO 75

Nº 32

1.50 FR

Para pagamento:

C.C.P. La Source
nº 34-772-94

importante:

no remetente junto do
teu nome põe (O.A.)

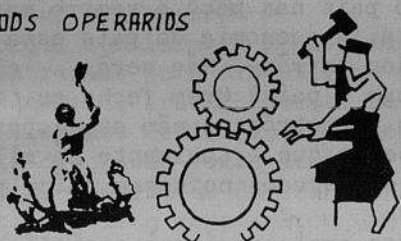
PORQUE FECHAM AS FABRICAS?

Neste momento em França, como em todos os países capitalistas os trabalhadores encontram-se numa situação de vida difícil. A economia destes países capitalistas está em crise e são os trabalhadores que sofrem as consequências da ganância de lucros dos patrões e parasitas. Estas crises repetem-se regularmente, mais ou menos de 10 em 10 anos. Como emigrantes somos nós os primeiros a sofrer as consequências destas crises (por exemplo o desemprego, o aumento de custo de

vida, etc.) depois de termos deixado o nosso suor durante anos de trabalho enchendo os bolsos aos patrões. Agora como têm problemas e não querem deixar os seus grandes lucros, dão-nos um pontapé, fechando as fábricas atirando-nos para uma vida de miséria.

Ora nós saímos de Portugal porque vivíamos na miséria e agora voltámos à miséria. Vejamos quais são as causas da crise:

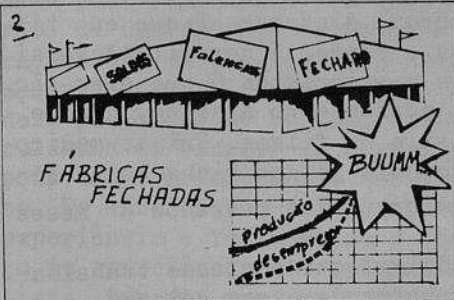
1 A SUPER EXPLORAÇÃO DOS OPERÁRIOS



EM TEMPO DE CRISE: PRODUTOS ARMAZENADOS E DESEMPREGO



Para terem lucros, os patrões exploram a força do trabalho dos operários. O fruto do trabalho não beneficia quem trabalhou, mas sim os patrões, os capitalistas que nada fizeram. Desta exploração desenfreada resulta que, enquanto o patrão aumenta a produção e enriquece, o operário recebe apenas o mínimo necessário para viver. Quando os capitalistas não conseguem vender as mercadorias produzidas, as fábricas fecham.



ABUNDÂNCIA PARA OS BURGUESES MISÉRIA PARA O POVO



A produção não é feita segundo as necessidades da população, mas é feita desordenadamente tendo como único fim aumentar sempre mais os lucros dos capitalistas; depois de um período de crescimento económico, vêm as crises e o desemprego, abundância para os burgueses, miséria para os trabalhadores.



1929- 1ª CRISE REPRESSÃO DA BURGUESIA

DESTRUIÇÃO DAS MERCADORIAS

CEREAIS E CAFÉ QUEIMADOS

SEARRAS E PLANTAÇÕES

DESTRUIDAS E O

POVO VIVE NA

MISÉRIA



A primeira grande crise do capitalismo foi em 1929. Para não baixarem os lucros e portanto manterem os preços das mercadorias, os capitalistas chegam a destruir grande parte das mercadorias armazenadas, enquanto os trabalhadores

vivem na miséria. Na tentativa de esmagar as revoltas operárias, os burgueses aumentam a repressão sobre o povo trabalhador.



1933 AUMENTA A REPRESSÃO SUBIDA DO FASCISMO

1939...

2ª GRANDE GUERRA IMPERIALISTA

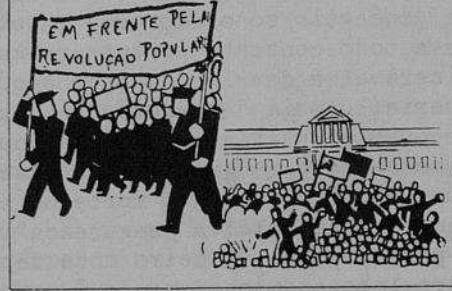


Para vencer a crise que só eles causaram e tentar travar a organização e o avanço revolucionário dos trabalhadores, os burgueses lançam mão de todas as armas. Assim nasce o fascismo, forma mais brutal da ditadura da burguesia sobre o povo trabalhador. Para darem saída ao excesso de mercadoria, as burguesias dos países imperialistas vêm-se obrigadas a procurarem novos mercados (novos países onde possam continuar a sacar as matérias primas por baixo preço e a vender as mercadorias produzidas). Como consequência disto aparecem as guerras de rapina imperialistas, como foi o caso da II Grande Guerra Mundial (1939-45).

OS POVOS LUTAM CONTRA O IMPERIALISMO



PELA INDEPENDÊNCIA E O FIM DA EXPLORAÇÃO



Mas cada vez mais os povos de todo o mundo tomam consciência do que é a exploração capitalista e o imperialismo. Os exemplos do Vietnã, Camboja, Moçambique, Guiné-Bissau e outros, mostram-nos como países aparentemente fracos podem derrotar qualquer inimigo por mais forte que pareça, quando escolhem a via das armas como único caminho para a sua libertação. Também nos países capitalistas da Europa e especialmente em Portugal, a classe operária, à frente de todo o povo, luta firmemente para acabar de uma vez para sempre com esta sociedade podre e de exploração e construir uma sociedade nova onde os trabalhadores não vivam continuamente com a corda na garganta à espera do dia em que vão ficar sem trabalho, onde não haja exploração do homem pelo homem.

LUXEMBURGO

Camaradas do jornal "O Alarme"

Camaradas, vou enviar um caso triste para o vosso jornal passado aqui em Dudelange, no Luxemburgo.

Trata-se de Manuel Dias Cabete que trabalhava na empresa de Acome, em Dudelange. No passado dia 8 de Abril, quando este nosso amigo trabalhava, por descuido de um italiano que trabalhava com uma grua rolante, ou por falta de segurança de trabalho, acontece que foi o último dia de vida que o nosso amigo teve.

Depois de tudo já ter acontecido, lá andamos nós a ver qual é a melhor maneira de se tratar de pôr o corpo em Portugal. Por sinal o falecido era solteiro e não tinha cá família, mas houve um primo, que realmente foi incansável para tratar de tudo. A primeira coisa que fez foi saber à maladia se havia possibilidades de telefonar para a Segurança; fez-se tudo e a "Segurança" nada resolveu. Então lá vão os voluntários de porta em porta, andar a pedir para se arranjar o dinheiro para o corpo ir para Portugal. Conseguiu-se 80.000 a 90.000 Francos Belgas, precisamente mais ou menos o dinheiro da despesa.

Camaradas, será possível nós trabalhadores, andarmos assim tão cegos que não vejamos que nós não precisamos de esmolas porque sempre trabalhamos e que temos os nossos direitos? Será possível que a gente só acorde quando tornar a acontecer outra vez?

Não, camaradas, já é tempo de convertermos uns com os outros, organizarmos para formarmos clubes operários para podermos lutarmos pelos nossos direitos, não só neste caso mas também no caso do desemprego e da língua porque esses ladrões dos patrões e "seguranças" não julguem que os portugueses não sabem aquilo que querem e aquilo a que temos direito e também não julgue a "segurança" que o caso do nosso amigo já está esquecido; se alguns já o esqueceram, há outros que tentam lutar para conseguir os direitos que lhe são devidos.

Camaradas, mais uma vez os patrões querem tirar o máximo rendimento do nosso trabalho, não se importando com as condições de trabalho em que nós trabalhamos. Nós sabemos que enquanto o nosso prezado amigo foi vivo, dando lucros ao patrão e derramando o seu sangue para conseguir só o emprego, o patrão andava todo contente porque era mais um miserável a dar-lhe os lucros que ele queria. Depois de acontecer o que aconteceu, o parasita do patrão lavou as mãos e nada fez para que os pais tivessem alguns direitos sobre a morte do seu filho. E essa maldita "segurança" quando é para receber dinheiro anda depressa e abre logo as mãos; quando é para pagar como é este caso, levam tempo e ainda pensam que são menos uns francos para as férias deles. Mas vamos a ver se eles terão esse prazer e se ainda lhes saiem mal essas férias.

Infelizmente há mais casos, como por exemplo noutras empresas de Dudelange, em que houve portugueses a quem foram descontados dez francos, cinco francos, e por aí adiante. Parece que a lei não permite isso, mas como há crise de trabalho fazem o que querem. Mas se há crise, eles que a paguem, porque os trabalhadores não fizeram a crise, nem cá no Luxemburgo nem em qualquer país do mun-

do. Os patrões é que fizeram esta crise de trabalho e portanto devem pagá-la.

Camaradas, eu sei que há trabalhadores, neste caso portugueses, que não compreendem muito bem isto, mas nós temos a razão pelo nosso lado, nós sabemos até que ponto somos explorados por esses gatunos, esses gameleiros, esses vampiros que nos sugam o sangue das veias, mas esses assassinos não julguem que os trabalhadores não sabem aquilo que querem.

A questão fica aqui posta. Todos os trabalhadores que realmente pensam que este artigo seja real devem fazer uma coisa: é lutar contra os patrões que nos exploram, que nos sugam o sangue e ainda por cima nos matam. Mas lutar não é só dizer: vamos matar o patrão. Não, isso é errado, devemos sim unir-nos e organizarmo-nos e assim seremos invencíveis e assim acabaremos de vez com tudo isto que acontece. Se assim não for então teremos novamente as mesmas desgraças e depois lá anda a pobre da família a pedir novamente esmola.

Um amigo do Alarme

* * *

NO QUE TOCA A PADRES...

Amigos do jornal "O Alarme"

Tenho a vos pedir desculpas pelo meu atrevimento. Quando toca a falar de padres eu também falo e quero dizer que o padre da minha freguesia diz que é o homem mais pobre do Concelho de Esposende e que ganha menos do que um rapaz que anda com a tábua do barro à cabeça! Ora esse padre é da minha freguesia que se chama Gernes, Concelho de Esposende, perto de Viana do Castelo.

Pois amigos leitores do jornal "O Alarme", esse padre diz que ganha pouco mas comprou um carro, fez uma casa de banho, uma garagem, compra campos, faz casas novas e no fim tem a distinta lata de dizer que vive pobre, que nunca tem dinheiro. Nós trabalhadores sempre a trabalhar é que nunca temos dinheiro nem nada para darmos de comer aos nossos filhos. Ele tem duas criadas, diz que ganha pouco mas vende pipas de vinho durante o ano e carros de pão e ainda por cima vai aos mealheiros da igreja e rouba o dinheiro. Pois esse dito padre é um verdadeiro fascista igual a ele não deviam existir no mundo porque em nome de Deus, vão-nos levando dinheiro. Se formos lá pedir uma esmola não dá nada a ninguém e quando há casamentos, funerais e baptizados ele não os faz de graça, o que ele quer é encher a barriga. O que lhe interessa é receber sempre, não se importando de que maneira nós trabalhadores ganhamos a nossa vida, ora isso não está justo! Ainda tenho que contar mais desse padre: quando houve o 25 de Abril, ao dizer a missa, virava-se para o povo e dizia: "Cristãos! vamos orar mais do que nunca". Via-se bem que ele já não estava a gostar muito do 25 de Abril! Mas o povo da minha freguesia estava tão cego que ia na cantiga dele por que até há pouco tempo não tinham aberto os olhos. Para hoje chega, agradeço muito aos meus camaradas de trabalho.

Deste que gosta de ler o vosso jornal, recebam os meus cumprimentos

Um amigo do Alarme

UM PESCADOR ESCREVE-NOS

Camaradas do jornal "O Alarme".

Gostava de ver esta notícia no vosso jornal para que todo o trabalhador emigrante cá no Luxemburgo soubesse bem e compreendesse em que situação se encontra o nosso país, como actuam os fascistas e de que maneira se faz a exploração capitalista.

Fui pescador e prezo-me disso. Participei em todas as greves dos pescadores de Matosinhos de 1971 a 1973. Lutei contra a exploração capitalista, sofri os meus bocados mas foram recompensados por que todas as greves foram vitoriosas.

Também quero agradecer aqui ao jornal "O Grito do Povo" da maneira como nos apoiou enviando-nos dinheiro, géneros alimentícios e medicamentos. Da maneira como nos ensinou a organizar, pois sabemos que sem apoio e organização, as greves seriam uma derrocada. Elas são justas quando são feitas para lutarmos pelas nossas reivindicações. A greve foi a primeira arma que nos ensinou o camarada Lenine. Não é como o traidor do Cunhal que diz que quem faz greve faz o jogo da reacção e que põe a economia do país na miséria. Que vá à merda, porque nós trabalhadores nunca tivemos a economia do país nas mãos e sempre passamos miséria. A economia do país está nas mãos dos patrões. Não serão eles que arruinam o país? Quem fecha as fábricas são os patrões e não os operários e sabemos que actualmente há milhares de desempregados no nosso país por esse motivo.

Camaradas, com respeito à assistência médica tenho muito que lamentar, pois eu com um filho doente em Portugal, gastei tudo o que tinha, porque na Casa dos Pescadores só davam pastilhas de dez tostões, pois o medicamento mais caro não ia além dos 150 escudos e com isso era impossível curar-se uma pessoa.

Quando eu já não tinha nada, fui à Junta pedir um atestado de pobre e não me deram porque disseram que eu tinha prédios a render, é normal!!! Assassinos, ladrões e vigaristas é que eles são. Vim para o estrangeiro a salto, mandei vir a mulher e os filhos. Fui ao médico com o miúdo, pois já não tinha cura, levei-o para Portugal e passados 3 meses morreu!

Será possível que a classe trabalhadora não compreenda essas coisas?

Será possível que vendo estes exemplos, não queiram lutar pela Liberdade, pelo Socialismo e pelo Comunismo?

Pensem bem, porque o Comunismo só pode ser alcançado pelos trabalhadores, que não devem ter medo da Foice e do Martelo porque isso é o símbolo da Aliança Operário-Camponesa. Portanto camaradas, todos unidos, armados e organizados seremos invencíveis.

JUSTIÇA POPULAR PARA OS FASCISTAS, PIDES, BUFOS E REVISIONISTAS!

★ ★ ★
FAZ-TE CORRESPONDENTE DE
"O ALARME"
NA TERRA ONDE TRABALHAS
ENVIA-NOS NOTÍCIAS

CULTURA POPULAR

Entrevista com o Grupo de Teatro da ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORES DE GENTILLY

Desde sempre a classe trabalhadora teve uma cultura própria. Por exemplo, o folclore, é uma forma de dança popular, especialmente utilizada pelos camponeses.

O teatro popular nada tem a ver com o teatro que a burguesia nos tenta impingir e representa os problemas da nossa vida passados ao palco. Hoje, um grupo de Teatro da ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORES DE GENTILLY, conta-nos das suas experiências e das suas dificuldades.

- Como se formaram?

- Formámo-nos, seguindo o exemplo do Teatro Operário de Paris, e com o aparecimento da ideia da formação de uma secção cultural e recreativa neste clube, cuja actividade era unicamente de futebol. Formou-se uma biblioteca, davam-se aulas de francês, mas o grande animador da secção cultural foi o teatro. Inicialmente éramos 11 elementos, mas há sempre dificuldades tanto a nível de raparigas, em que os pais levantam problemas com os ensaios, como com o regresso a Portugal de diversos elementos.

- Porque se formaram?

- Porque sentíamos a necessidade de nos encontrarmos para discutirmos os nossos problemas de trabalhadores. De princípio não tínhamos definição, mas depois de muita discussão fomos aceites como o Teatro da Associação de Trabalhadores de Gentilly. Isto representou uma grande vitória, pois dentro do Clube dividiam-se as opiniões entre o futebol e o problema de "fazer política". Depois de muitos esclarecimentos fomos finalmente aceites. A primeira peça que apresentámos foi "Já o meu pai me dizia".

- Onde foram buscar a peça?

- Como teatro operário que somos, toda a peça é feita por nós. Concretamente esta peça representava a luta dos operários de uma fábrica da Covilhã para a readmissão de uma operária despedida. Apesar de ser um facto real vivido por dois elementos do teatro, tivemos dificuldades em escrevê-la e representá-la, pois era a primeira vez que fazíamos isto. No entanto ela foi o fruto da nossa experiência e representou o nosso avanço na consciência da exploração capitalista, uma vez que, em todos os pormenores (ideias, palavras, etc.) éramos obrigados a discutir e iramos compreendendo cada vez melhor a sociedade em que vivemos.

- Qual foi a vossa grande vitória nesta primeira peça?

- Foi o de termos provado que quando os operários querem, apesar das dificuldades também podem fazer teatro.

- Porque puseram o nome de "Já o meu pai me dizia"?

- Esse também foi um problema discutido. Durante a peça ouve-se uma canção de os "Camaradas" com esse título e, finalmente, já os nossos pais nos diziam da exploração que sofriam e das lutas que eram preciso travar.

- Onde actuaram?

- Actuamos sempre em Festas Populares com entrada gratuita, em Stains, Bonneuil, Montparnasse, Montgeron, etc. Nesta

última teve a particularidade de ser representada no meio da floresta, sem palco, sem material (adereços), etc.

- O material é um dos vossos problemas.

Como o resolvem?

- Quanto ao material é sempre um problema. Não temos fundos e por isso temos dificuldades! Resolvemos este problema fazendo nós próprios com cartolina, pano, etc. Também utilizamos objectos pessoais, principalmente roupa. No entanto tentamos sempre ter o material em bom estado e por vezes, na mesma peça, até modificamos, quando chegamos à conclusão que se torna mais fácil a compreensão da peça.

Mas não são só estas as dificuldades de um teatro operário. O palco é uma delas. A burguesia tem à sua disposição boas salas, com bons palcos e boas condições de som. Nós não temos nada disso. O caso de Montgeron que já falamos é um exemplo disso. Mas apesar de ter sido representado na floresta, a experiência foi muito positiva, pois habituamo-nos a representar em qualquer tipo de palco e, a ausência de palco, fez-nos estar ainda em maior contacto com o público.



- Quais são as diferenças entre teatro operário e teatro burguês?

- É principalmente um problema de classe. Enquanto a burguesia possui ainda o Estado, a polícia, a televisão, também o seu teatro lhe serve para infiltrar na classe trabalhadora a sua ideologia para assim continuar a manter o seu reinado. Ora, o teatro operário pretende divulgar a cultura popular, consciencializar os trabalhadores e, conforme o avanço da classe operária dar perspectivas de luta para a sua libertação.

É esta a razão porque a burguesia reprime o teatro operário. É por isso, também, que eles passam a cores na 2ª linha e nós nem a preto e branco na 1ª!

Claro que no teatro burguês exigem "diplomas", enquanto no teatro operário todos podem colaborar e, no final da peça cria-se a discussão com o público e conforme as críticas podemos aperfeiçoar passagens da peça.

Enquanto os burgueses são profissionais, nós temos que trabalhar 8 a 9 horas por dia e só depois nos podemos reunir. Isto também não quer dizer que não haja teatro amador que não seja burguês. O que é importante é a classe que se defende. Não é por defendermos os interesses da classe trabalhadora que vamos representar uma peça de qualquer maneira. Apesar de termos na maior parte dos casos

dificuldades em ler e escrever, tentamos sempre aperfeiçoarmo-nos e repetir os ensaios as vezes que forem precisas. Se os burgueses que pretendem manter-nos na ignorância, podem apresentar do melhor, porque não podemos nós apresentar do melhor ao povo?

- Quais são os vossos métodos de trabalho?

- Como já dissemos as peças são sempre factos reais. A ideia é dada por um elemento do teatro ou por um trabalhador.

Depois da ideia lançada e de discutirmos o assunto, fazemos uma improvisação. Repetimos as improvisações e quando chegamos à conclusão de que já não temos mais a representar passamos à escritura do texto. Para isso, houve um elemento que escreveu as partes mais importantes ou ouvimos uma gravação que tenhamos feito. Dividimo-nos por grupos e cada um faz uma parte do texto. No final, juntamos todas as partes e discutimos em conjunto se está tudo correcto ou não. Só então passamos ao ensaio.

Convém dizer que a improvisação tem várias vantagens, que são: o elemento que representa é forçado a "meter-se na pele" da personagem que está a fazer, pois tem que pensar que se fosse ele o que faria e o que responderia; com isto só transmitimos coisas que nós próprios sentimos e percebemos; dá possibilidades de libertarmos a nossa criatividade e facilita-nos muito a representação.

- E o ensaio como o fazem?

- Nós reunimo-nos duas vezes por semana. A primeira vez é logo a seguir à última actuação. Começamos por discutir a última representação e aproveitamos as críticas que nos fizeram e se chegarmos à conclusão que são justas, alteramos a peça se necessário for. Depois repetimos a peça como se a estivessemos a representar para nos aperfeiçoarmos constantemente.

- O que pensam do teatro operário como educador socialista do povo?

- Ahamos que o teatro é muito importante neste aspecto, pois ao divulgar uma linha justa e as ideias do socialismo e do comunismo, o povo trabalhador aceita-as mais facilmente, porque está a ver cenas muitas vezes já vividas por eles próprios, e veem que são trabalhadores como eles que defendem estas ideias.

- Quais são as vossas perspectivas futuras?

- Queremos continuar a fazer teatro, continuar a fazer peças e queremos que elas avancem conforme for avançando a luta de classes em Portugal. Pretendemos também dinamizar o nosso teatro especializando-nos em música, danças, etc. Também queremos fazer peças com actualidade, isto é, conforme forem havendo acontecimentos em Portugal, como por exemplo o 11 de Março, passarmos isso ao palco. O nosso lema é "Formemos grupos de teatro por toda a parte". Para isso, pretendemos ir a zonas onde saibamos que existem portugueses, para aí organizarmos, com o auxílio de moradores dessa zona, Festas Populares, para que depois se venham a criar associações que poderão vir a formar novos grupos.

NOTÍCIAS DA EMIGRAÇÃO

CRONICA do LUXEMBURGO

Camaradas,

Sábado, dia 21 de Abril, foi feito um convívio político-social (pequenos esclarecimentos sobre Portugal) pelo padre Rocha, exilado na Holanda.

No cartaz do convívio dizia assim: "Temos respostas para as vossas perguntas". Camaradas do "Alarme", pois aqui vai o que se passou. O senhor padre Rocha de Mortágua disse que vinha conviver com os seus amigos e não esclarecer ninguém, mas, afinal de contas o senhor veio aliado às Forças Armadas, dizendo no convívio que ele era de uma organização dos instrutores que tinha feito grandes coisas em Mortágua, e que agora estava a fazer algumas casas para os trabalhadores e que as Forças Armadas estava também a ajudar, por isso que os emigrantes estivessem descansados, porque o MFA estava ao lado do povo.

Camaradas, falou um amigo dizendo que se o MFA estava ao lado do povo, porque é que eles deixaram o Spínola e os outros oficiais fugirem para o Brasil, e não os entregaram ao povo?

O senhor padre respondeu que eles não os deixaram fugir, mas que o Spínola sabia muito e que já tinha tudo preparado e até helicópteros.

Em seguida o senhor padre começou a dizer que os emigrantes deviam mandar o dinheiro para Portugal porque o país tinha a economia no caos, mas que ainda tinha uma reserva em ouro para três anos. E que ter o dinheiro a juro no estrangeiro ou em Portugal, mais vale enviá-lo para o nosso país do que deixá-lo cá ficar porque nós estamos numa liberdade, num Portugal novo. Em seguida houve um camarada que lhe perguntou qual era essa liberdade que há em Portugal, se era livre para os burgueses ou para os trabalhadores. Nunca o trabalhador foi livre e só o será quando realmente fizer a Revolução Popular e que as Forças Armadas não estão ao lado do povo, porque afinal o camarada soldado José Baptista continua preso. Pois o senhor padre queria saber quem eu era e o que fazia, onde trabalhava e que lhe desse provas do José Baptista estar preso. Então eu disse-lhe que quem actuava assim dessa maneira eram os pides, portanto que não me obrigasse a chamar-lhe pide. Depois dei-lhe provas em como o José Baptista continua preso e que o pai tinha escrito ao Governo Provisório uma carta pedindo a libertação de seu filho e que se prezava em ser um anti-fascista. Toda a gente ouviu o camarada que pedia em nome de todos os emigrantes no estrangeiro, a libertação do camarada José Baptista. O mesmo camarada quis saber a resposta do padre, pois ele não a deu dizendo que o camarada não o tinha deixado responder! Esse camarada disse-lhe que era mentira, que ele não lhe respondeu porque não sabia e se fosse homem capaz ou se estava a par do marxismo-leninismo que fizesse logo uma autocritica por que todo aquele que defende a classe operária tem que o saber fazer. Pois camaradas, ele ficou sem fala e vermelho como a nossa bandeira! O mesmo camarada ainda lhe disse que não podia ver os padres e que se a igreja foi violada foi há muitos anos e foram os padres que o fizeram e não os operários. Aí ele res-

pondeu: "Se você acreditar nos padres deixa de ser religioso". Ainda falou outro camarada que esteve preso na Índia em 1958. Quando chegou a Portugal, viu o cemitério cheio de ervas e foi com alguns amigos arrancá-las. Os pides souberam, prenderam-no, arrancaram-lhe as unhas e pontapearam-no. Houve um camarada que disse que só com a Justiça Popular se conseguirá acabar com essa corja de assassinos. O senhor padre disse que não, pois ele sabe que a Justiça Popular é dura, mas não é mais dura do que as torturas que os pides fizeram desgrando centenas de famílias.

No final o senhor padre cantou sozinho "Grandola Vila Morena", depois pediu para todos cantarem com ele mas ninguém o fez. Camaradas, estes gajos quando fazem festas e comícios é só para enganar e roubar o dinheiro dos emigrantes.

MORTE AOS PIDES, JUSTIÇA POPULAR!

✱

✱

✱

HOLANDA

Ao fim de alguns meses de campanha eleitoral, em Portugal e nos países de emigração, são finalmente conhecidos os resultados da corrida ao poleiro, como o vosso jornal tão bem soube ilustrar. Na Holanda também foi essa campanha seguida regularmente, e diversas sessões de esclarecimento foram feitas às massas emigradas que aqui se encontram.

Durante os meses que, se antecederam às eleições, também em Amsterdão foi criado um grupo de apoio à Frente Eleitoral de Comunistas (FEC m.l.), pois entenderam os camaradas trabalhadores aqui, que a defesa dos seus interesses e a divulgação do único programa que pode convir à classe operária e a todos os explorados, é o programa da Revolução Democrática Popular que porá fim à exploração do homem pelo homem, e consequentemente acabará com a própria emigração e esse programa na emigração só era defendido por uma organização: a FEC(m.l.)

Assim foram organizados diversos meios de divulgar a linha da FEC(m.l.) desde a distribuição e envio de propaganda até à realização de debates e sessões de esclarecimento. No tempo, foi a última sessão de esclarecimento feita no passado dia 20 de Abril, com a presença de cerca de 60 pessoas, tendo estado presente, além dos camaradas de Amsterdão que fizeram intervenções sobre a emigração, o papel da imprensa popular na emigração e a origem da FEC, um representante da FEC da região de Paris, que fez uma exposição sobre o programa da FEC e os seus objectivos.

O grupo de apoio à FEC(m.l.) na Holanda, não quer deixar no entanto de se auto-criticar por alguns erros que foram cometidos durante a sessão, nomeadamente a questão do começo da sessão que só foi iniciada uma hora após a hora marcada. Além das intervenções que foram demasiado longas o que provocou um certo cansaço na assistência pois que entretanto também se fazia tarde e muitas pessoas tinham que regressar a casa.

Outra questão foi a da pouca propa-

GENTILLY

Camaradas do "Alarme"

Recebi uma convocação do Clube Juvenil Português "La Roquette", para participar numa tarde de convívio aonde havia almoço de confraternização. Que raio de confraternização, se para lá entrar era preciso pagar 25 francos!

Neste clube para participar nas actividades é preciso pagar. Recentemente organizaram um torneio de ping-pong e aquele que quizesse participar tinha que pagar 10 francos. Esses senhores que se dizem amigos dos trabalhadores, defendendo a linha do dr. Cunhal aproveitam-se dos trabalhadores emigrantes, organizando bailes, festas do género para roubar dinheiro.

Farta de ser explorada estou eu nesta sociedade de roubo em que vivemos. Será que nem sequer temos o direito de passar uma tarde de verdadeira camaradagem entre trabalhadores sem exploração?

Nesse tal dia havia também uma festa comício noutro lado, em Stains, aí a entrada era gratuita e podíamos falar dos nossos problemas. Nós trabalhadores que fomos obrigados a deixar a nossa terra, devemos-nos unir entre nós para melhor lutar contra a exploração capitalista de que somos vítimas.

Camaradas, nós devemos ter vigilância com esses tais ditos "comunistas" que no fundo só nos andam a enganar. Nós devemos saber reconhecer quem são os verdadeiros amigos do povo.

ABAIXO OS FALSOS AMIGOS DO POVO!

Uma camarada de Gentilly

NOTA : Para que não ficassem duvidas, a camarada que nos enviou o artigo, mandou-nos também, o convite e que por falta de espaço não podemos passá-lo neste jornal.



ganda distribuída o que se reflectiu no numero de pessoas presentes.

De qualquer modo foram as intervenções públicas dos representantes da FEC na Holanda no seu conjunto, bastante apreciadas, o que só prova que quem defende uma linha correcta (e independente do espalhamento e do numero de votos obtido pelos partidos da burguesia que pode ainda enganar muita gente), sabe que não é com eleições que os emigrantes (também nós, operários explorados como os nossos irmãos de classe em Portugal) deixar-mos de emigrar e de sermos explorados pelos patrões, mas sim quando tomarmos o poder económico e político em mãos, o que só acontecerá pela via da Revolução Popular e Armada.

Continuemos pois na via que nos levará à nossa emancipação e ao fim da exploração.

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA POPULAR!

Grupo de apoio a FEC(m.l.)
Amsterdam-Holanda

O Alarme pag. 4

NOTÍCIAS DA EMIGRAÇÃO

FUTEBOL AO SERVIÇO DA BURGUESIA



Na segunda feira, dia 19 de Maio realizou-se no estádio municipal de St. Ouen um desafio entre o Boavista e o Red-Star, equipa francesa.

Antes do jogo, actuou um rancho folclórico português.

Quem quizesse assistir, teria que pagar 15,25, ou 30 francos. Várias pessoas protestaram contra os preços dizendo que era uma grande exploração, que não se percebia como é que eles levavam este dinheiro todo. Ora nós sabemos como é que isto tudo pode acontecer.

Os senhores do Centro do Emigrante Português, sabendo que os trabalhadores gostam de futebol e de ranchos populares servem-se disso para os roubar.

Como nós sabemos a equipa do Boavista como todas as equipas profissionais, jogam por dinheiro.

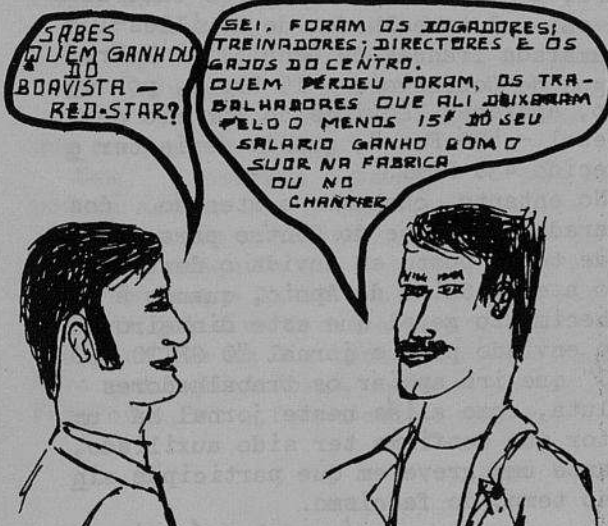
Para pagar todos estes gajos que não fazem puto durante o dia (jogadores, treinadores, directores, etc.) e ainda para encherem os seus bolsos os senhores do centro e companhia vendem os bilhetes muito caros.

E dizem os senhores do Centro defender os interesses dos trabalhadores emigrados!

O desporto é para quem?

Na sociedade em que vivemos, a sociedade capitalista, tudo é feito para nos roubar. Desde o emprego até ao desporto. Isto só acabará quando os trabalhadores construírem uma sociedade socialista, onde então o desporto deixará de ser um comércio ao serviço dos exploradores e passará a ser uma fonte de saúde e divertimento ao serviço do povo.

Nós lembramos que estes senhores do Centro & Cia ao descobrirem esta mama (que é o futebol) já tinham realizado o Benfica-Porto em Colombes em que os preços eram caros. Agora como o Boavista é



uma equipa menos conhecida e portanto a trai menos pessoas, estas ratazanas do Centro resolveram meter folclore pensando que as pessoas não se apercebiam dos preços.

Mas os trabalhadores estão atentos e não-de acabar com estes parasitas.

★ FUTEBOL POPULAR

Camaradas:

Terminou mais um campeonato de futebol de salão, realizado por trabalhadores no Clube Operário de Issy-les-Moulineaux, em que participaram e se classificaram por esta ordem as seguintes equipas:

- 1^a Académica ---- 14 p.
- 2^a St. Ouen ----- 12 p.
- 3^a Águias ----- 12 p.
- 4^a Corse ----- 11 p.
- 5^a Belleville ---- 8 p.
- 6^a FEC ----- 5 p.
- 7^a Spartacus ---- 4 p.
- 8^a Nabos ----- 4 p.
- 9^a Alarme ----- 2 p.
- 10^a Grândola ----- 0 p. (desistiu a meio)



Equipa de futebol de salão "O ALARME"

Camaradas, este campeonato veio mais uma vez provar que os trabalhadores também têm capacidade de realizar campeonatos destes, assim como tudo o resto, sem precisar dos parasitas que vivem à nossa custa e à custa da nossa habilidade, seja ela em teatro, futebol, etc., como fazem esses clubes do Benfica e do Porto e quem paga a essa cambada de malandros que, por 90 minutos de jogo, arranjam dinheiro para fazer contratos a jogadores por um preço doido, para os directores e todos os seus amigos andarem a passear, a comer e a beber, somos nós que pagamos por um jogo 20 a 30 Frs.

Camaradas, isto é uma roubalheira! Será que nós não podemos viver sem esta forma de futebol, que só pode jogar quem é profissional, porque é preciso uma vedeta como o Eusébio ou o Pélé, etc.?

Não camaradas, como vimos neste campeonato de futebol de salão, onde não havia vedetas, não havia parasitas, mas sim trabalhadores que vivem à custa do seu trabalho.

Mas camaradas, apesar de ser um futebol popular, também houve equipas que, influenciadas por um futebol de vedetas, foram para o campeonato só para ganhar o torneio e quando perdiam, por vezes até se enervavam. Mas a maioria das equipas foram para jogar e para se divertirem com os outros e para nos juntarmos e por vezes falarmos dos nossos problemas. Mas estes camaradas, viram que não



Passagem do encontro Alarme-St. Ouen

valia a pena enervar-se por causa da bola, uma vez que como em todos os jogos tem que haver um que vence e um que perde.

Como vimos, havia uma equipa com o nome do nosso jornal; Temos o prazer de a felicitar, apesar de ter sido a que perdeu, foi ela que ganhou a taça da equipa que melhor se comportou durante todo o campeonato. Foi um grupo de simpatizantes do nosso jornal e que participaram no jogo para se divertir e apesar de só ganhar um jogo, havia um grande espírito de camaradagem e os que jogavam melhor, ajudavam os que jogavam pior e assim se ia jogando sem zangas nos elementos dessa equipa e foi por isto que lhe foi oferecida a taça de bom comportamento.

No campeonato havia 4 taças que foram distribuídas da seguinte maneira: Uma para a equipa vencedora que foi a Académica, outra era para a equipa que marcasse mais golos, que foi a de St. Ouen, e outra era para a equipa que menos golos sofresse, que também foi para a equipa de St. Ouen e a quarta taça para a equipa que melhor se comportou que foi atribuída a equipa de Alarme.

Estas taças foram pagas com a participação de todos os que jogaram, conforme se decidiu numa reunião com todas as equipas, em que se decidiu que todos davam 10 Frs. e o que sobrasse da compra das taças iria para ajudar os nossos camaradas em Portugal e foi assim que se enviou para a Caixa de Apoio às lutas em Portugal 430 Frs., para que os nossos camaradas em Portugal saibam que não estão sós e que são apoiados por nós os trabalhadores emigrados.

VIVA O DESPORTO POPULAR!

Caixa de apoio permanente às lutas em Portugal

(cont. da pág. 3)

Este mês enviaram-nos estas quantias:	
Pão, Terra, Paz, Democracia Popular	10 F
1 simpatizante do "ALARME" de Bonneuil	10 F
1 trabalhador de Houilles	11,5
1 trabalhador de Courbevoie	5 F
1 trabalhador de Courbevoie	2 F
1 Trabalhador de Courbevoie	1 F
Jantar 1 ^o Maio (Montparnasse)	50 F
1 grupo de amigos do "ALARME"	230 F
1 trabalhador de Nanterre	1 F
1 operaria de Villiers	5 F
1 operaria espanhola do KB da zona de Gentilly	4 F
1 motorista português	4 F

Total das faltas do mês anterior 534 F

O Alarme pag. 5

A PALAVRA aos CLUBES, SALAS e ASSOCIAÇÕES dos TRABALHADORES

Clube Operário Português de MONTPARNASSE

Camaradas do "Alarme"

No Alarme de Maio, vocês pediram que nós fizessemos um resumo e análise das actividades do 1º ano do Clube Operário Português de Montparnasse (C.O.P.M.).

No início de 1974, um grupo de uma dezena de trabalhadores, simpatizantes do Alarme reuniu-se, decidido a trabalhar na formação de um clube que estivesse ao serviço de todos os trabalhadores do bairro, na linha bem definida da cultura, do desporto, da música, do teatro, da informação e da ajuda entre nós trabalhadores.

Uma velha sala pertencente aos padres foi cedida nestas condições com a exigência que não se fizesse "política".

E assim o trabalho começou, sob a orientação de uma comissão provisória, que depois da limpeza e da pintura da sala deu início às seguintes actividades: Uma permanência social para preencher os papéis da segurança, etc., uma pequena biblioteca, uma secção de teatro com a representação da peça "Três Histórias para Serem Contadas", um grupo folclórico e ping-pong.

O trabalho avançou e culminou a 11 de Março com uma festa popular que mostrou a linha seguida que foi aceite com entusiasmo pelos trabalhadores. Em seguida, várias festas se realizaram com o esforço dos socios do clube e também com a ajuda de outros clubes operários.

Mas no desenvolvimento das actividades começou a haver desentendimentos na maneira de fazer as coisas. Por exemplo, no grupo folclórico havia pessoas que viam um grupo com trajes muito caros, ir a festas fazendo-se pagar, etc.. Outras pessoas achavam que se devia contar com as possibilidades de cada um, que se fazia folclore para desenvolver a cultura popular e que a cultura para ser verdadeiramente popular deve estar ao serviço e no avanço das lutas dos trabalhadores e sem exploração alguma.

Através da discussão em conjunto, a defesa da cultura popular foi aceite no grupo.

Assim o grupo folclórico formou-se e aperfeiçoou-se na apresentação de várias danças como por exemplo: "Viva a Liberdade", que foi do agrado de todos os trabalhadores. Colaborou em festas do clube e de outros clubes populares criando sempre um ambiente de alegria e de camaradagem.

No entanto, a união de ideias no grupo ainda não era suficientemente forte para resistir às dificuldades que aparecem sempre. Assim, num domingo em que a sala estava cheia de trabalhadores com as famílias, quando o grupo ensaiava, um trabalhador do bairro tocava acordeão ao lado, provocando um certo descontrole em relação à música do folclore. Daí que um elemento conhecedor do folclore decidiu abandonar completamente a sala, o que provocou um certo desânimo no grupo.

Nós trabalhadores temos de ter consciência, que só unidos poderemos ir para a frente e que quando um de nós desiste de uma actividade que é feita em conjunto, isto provoca muitos problemas e não é só a questão de haver uma pessoa a mais ou a menos.

O grupo folclórico ainda continuou

mas devido ao facto de vários elementos terem partido de França, hoje o clube não tem grupo folclórico, cuja falta é sentida por todos nós.

No grupo de teatro onde todos os elementos participavam na discussão sobre a maneira de fazer teatro e da sua representação a outros trabalhadores, conseguiu-se assim representar a peça "Histórias para serem contadas", duas vezes no clube e em festas populares noutros clubes, sendo sempre aceite com entusiasmo e aplausos dos trabalhadores.

A razão principal do desaparecimento do grupo foi o facto de alguns dos elementos irem viver para muito longe do bairro e nesses sítios procurarem criar mais um clube operário.

No entanto hoje há três pessoas dispostas a irem para a frente com uma peça de teatro e procuram outros trabalhadores que desejem colaborar. Houve um torneio de ping-pong, um campeonato de sueca para a disputa de uma taça e um desafio de futebol de salão com um troféu comemorativo do primeiro aniversário do clube.

Apareceram também trabalhadores do bairro, uns para formar um grupo de violas, outros para uma equipa de futebol, mas apesar do apoio e da boa vontade da comissão provisória não houve continuação nessas actividades.

Achamos que devemos falar também sobre os problemas materiais, que sempre existiram e que ultimamente têm sido grandes.

Como dissemos, a sala foi emprestada pelos padres, mas com o desenvolvimento das actividades, começou-se a verificar atitudes e actos em contradição com a doutrina e as palavras destes. Assim numa primeira fase de repressão, a luz do clube foi cortada... (Esse problema foi resolvido através de um operário, sócio do clube, que pôs a luz da sua casa à disposição do clube); depois, a porta da sala foi aberta, mesmo arrombada, retiraram praticamente todas as cadeiras e mesas e dizem que o clube tem que fechar brevemente, porque as casas vão ser todas destruídas.

Ora todos os trabalhadores do clube, conhecem na maioria a construção civil, e sabem que a demolição não é para já.

Os donos da sala, convidados várias vezes para um diálogo, nunca tiveram a coragem de aceitá-lo e preferiram fazer como fazem na igreja, falam como doutores, mandam as suas ideias do púlpito para baixo e só aceitam das pessoas presentes uma só palavra: Amem, assim seja!

Mas cada vez maior número de trabalhadores, já não vão na cantiga!

E eles negam-se ao diálogo porque sabem que os trabalhadores unidos reduzem a farelos as suas histórias. Dizem que é política e que não aceitam fazer política. Utilizam esta palavra sem explicação nenhuma, como ameaça. Eles não querem que os trabalhadores tomem em mão os seus problemas, que discutam a maneira de os resolver, que avancem no trabalho para a conquista do poder.

E como não conseguem aguentar a crítica, aproveitam-se do poder que a actual situação lhes dá, para fazerem pressão e ameaças contra os trabalhadores. Têm riquezas e salas enormes que cons-

truíram com o dinheiro dos trabalhadores e preferem deixá-las fechadas e a apodrecer, do que pô-las ao serviço do povo.

Eles sabem muito bem que as mentiras que dizem para enganar o povo, serão criticadas e ultrapassadas certamente.

Mas os trabalhadores e sócios do clube não baixaram os braços e actualmente com todas as dificuldades que surgiram, estão a avançar cada vez mais unidos. O trabalho de equipa é maior, e muitos mais trabalhadores compreenderam que unidos e organizados serão invencíveis.

EM FRENTE PELA CULTURA POPULAR!

Nota: 1º No 1º de Maio houve um almoço de confraternização no C.O.P.M. e depois das contas feitas, restaram 50 francos que foram enviados para as lutas em Portugal.

2º O C.O.P.M. está aberto às 6as. feiras a partir das 20h30 e nos sábados e domingos das 15 horas às 20 horas.

caixa de apoio permanente às lutas em Portugal

Paris, 4-5-75

"Camaradas do Alarme :

O Clube do Centro de Paris enviou no mês de Abril 500 Frs. para a Caixa de Apoio às Lutas em Portugal.

Ao lermos o ultimo número do jornal "O ALARME" verificamos que não foi publicado essa quantia na Caixa de Apoio às Lutas em Portugal. Nós os sócios que estivemos de acordo em que fosse enviado esse dinheiro para a Caixa de Apoio às Lutas em Portugal. Nós esperamos que os camaradas do Alarme se expliquem, o que foi feito desse dinheiro e que se auto-critiquem, erros como este não podem voltar acontecer pois somos trabalhadores e estamos de acordo com o Alarme e com a campanha de fundos para as lutas em Portugal, exigimos o mais breve possível uma explicação.

Sem mais os trabalhadores do centro de Paris enviam saudações revolucionárias."

AUTO-CRITICA

Camaradas :

Recebemos esta crítica dos camaradas do Clube Operário do Centro de Paris e achamos que devemos fazer uma auto-crítica. Efectivamente, ao passar a lista dos donativos, saltaram-se 4 linhas e, foi assim, que não apareceu a quantia deste clube, assim como de mais três camaradas que são : 1 trabalhador de Houilles - 10 Frs; 1 camarada francês de Gentilly - 9 Frs; Amigos de Courbevoie - 15 Frs e, por engano, apareceu "Equipas do Torneio de Futebol - 400 Frs.", quando devia ter aparecido 430 Frs.

No entanto, chamamos a atenção dos camaradas do Clube do Centro para o facto de terem posto em duvida o destino dado a esta Caixa de Apoio, quando é do conhecimento geral que este dinheiro é todo enviado para o jornal "O GRITO DO POVO" que irá apoiar os trabalhadores em luta, como aliás neste jornal há um leitor que confirma ter sido auxiliado, durante uma greve em que participou ainda no tempo do fascismo.

(cont. na pág.5)

O Alarme pág. 3

A Ocupação das Casas e das Terras

Camaradas, existe uma grande aflição cá na emigração por causa das casas que se estão a ocupar em Portugal. Esta preocupação vem de nós não estarmos ao corrente de que espécie de casas são ocupadas, porque o povo português sabe bem aquilo que quer e sabe fazer frente a todos fascistas, mas também respeitar os seus amigos, porque nós os emigrantes somos uns simples trabalhadores como eles. Se nós hoje temos uma casa em Portugal ou um terreno, foi ganho aqui com o nosso suor, não roubámos nem explorámos nada a ninguém, pelo contrário, somos também explorados, mas com mais umas pequenas regalias.

Agora nós estamos de acordo que os explorados e oprimidos em Portugal se revoltam, como já fizeram os trabalhadores no Porto por causa de viverem em péssimas condições e ainda terem os parasitas dos sub-alugues a viver à custa da miséria deles. Esses trabalhadores revoltaram-se e com o apoio dos seus camaradas vieram para a rua e até chegaram a ocupar a Câmara! Logo à entrada, diziam os trabalhadores uns para os outros: "enquanto nós vivemos numa miséria negra e escandalosa, esses gajos no sítio" que trabalham nada lhes falta. Têm boas tapecerias, bons candeeiros, bons sofás de veludo, etc."

Ainda mais camaradas, nós apoiamos todas as ocupações que são justas, mas isto só não chega. Não é por os trabalhadores terem uma habitação que os seus problemas acabam. Não camaradas, não é por dar terras aos camponeses, que eles vão sair da miséria.

Camaradas, nós apoiamos todos os operários e camponeses que ocupam casas e terras, mas dizemos: isso só não chega. Isto é uma pequena vitória, mas que não vem acabar com os nossos problemas.

Será que os operários necessitam só de casas?

Será que os camponeses necessitam só de terras?

Não camaradas! Como vai viver um operário tendo melhores condições de alojamento, se o seu ordenado é uma miséria?

Como poderá viver um camponês, se os adubos são um preço de fogo e ainda para semear é preciso dinheiro para comprar sementes, ferramentas, etc. Depois disso como é que ele pode viver se só passado 6 meses começa a colher o fruto do seu trabalho? Quem sustenta a sua família? Serão esses partidos que se dizem amigos dos trabalhadores?

Não camaradas, nunca se viu em nenhum país capitalista como em Portugal, os burgueses ajudarem os trabalhadores, pelo contrário, eles só não nos sugam o sangue porque não podem.

Sem tomarmos o poder, não se poderá acabar com a exploração capitalista e somos nós trabalhadores que sabemos tudo aquilo que nos faz falta. Por isso temos que lutar contra toda essa cambada que vive à custa dos trabalhadores para que um dia tenhamos um Portugal Novo sem exploradores, conquistando assim Pão, Terra, Paz e Democracia Popular.

IMPRENSA POPULAR

Jornal da greve 51

(suspensa) dos trabalhadores
da EFACEC/INEL
Lisboa

SUPLEMENTO

8.4.75

Deste jornal operário, por acharmos de grande interesse, passamos o seguinte artigo:

COMISSÃO DE DEFESA E DE DIREITO DOS TRABALHADORES (EFACEC-INEL-SUL)

Comunicado nº 25:

Na sequência das diversas reuniões alargadas, das reuniões nos Estaleiros, Oficinas e Escritórios para discussão do projecto do Caderno Reivindicativo também elaborado em sucessivas reuniões, realizou-se no sábado dia 12/4/75 no Teatro Vasco Santana um plenário onde foi discutido o projecto do Caderno Reivindicativo. Após a discussão do Caderno foi aprovado na generalidade de iniciou-se a discussão ponto por ponto, tendo sido aprovado os seguintes pontos:

gorias profissionais, para efeitos de mudança de obra. Esta escala tem a possibilidade de troca de acordo com os interesses.

3ª-SANEAMENTO

Decide-se tomar nas nossas mãos O SANEAMENTO DE TODOS OS ANTI-OPERÁRIOS, SENDO AS DECISÕES DO PLENÁRIO POSTAS IMEDIATAMENTE EM PRÁTICA.

Foram apresentadas ao Plenário dois processos de saneamento tendo o Plenário DECIDIDO O SANEAMENTO DOS ANTI-OPERÁRIOS SENHORES MARTINHO E ORLANDO SOARES. OS PROCESSOS ESTÃO À DISPOSIÇÃO DOS TRABALHADORES QUE OS QUEIRAM CONSULTAR.

Tal como tem acontecido a todas as decisões dos Plenários efectuadas, a CDT (comissão dos trabalhadores) levará à prática também as decisões deste Plenário. Em relação ao cumprimento das 40 ho-



1ª-REDUÇÃO DE HORÁRIOS DE TRABALHO

Como uma das mais profundas aspirações da classe operária que tem motivado as suas mais gloriosas lutas, IMPÕE-SE A PARTIR DE 14/4/75 A SEMANA DE 40 HORAS, SEM PREJUÍZO DOS HORÁRIOS INFERIORES JÁ PRATICADOS.

O novo horário deverá ser praticado entre as 8 e as 17 horas

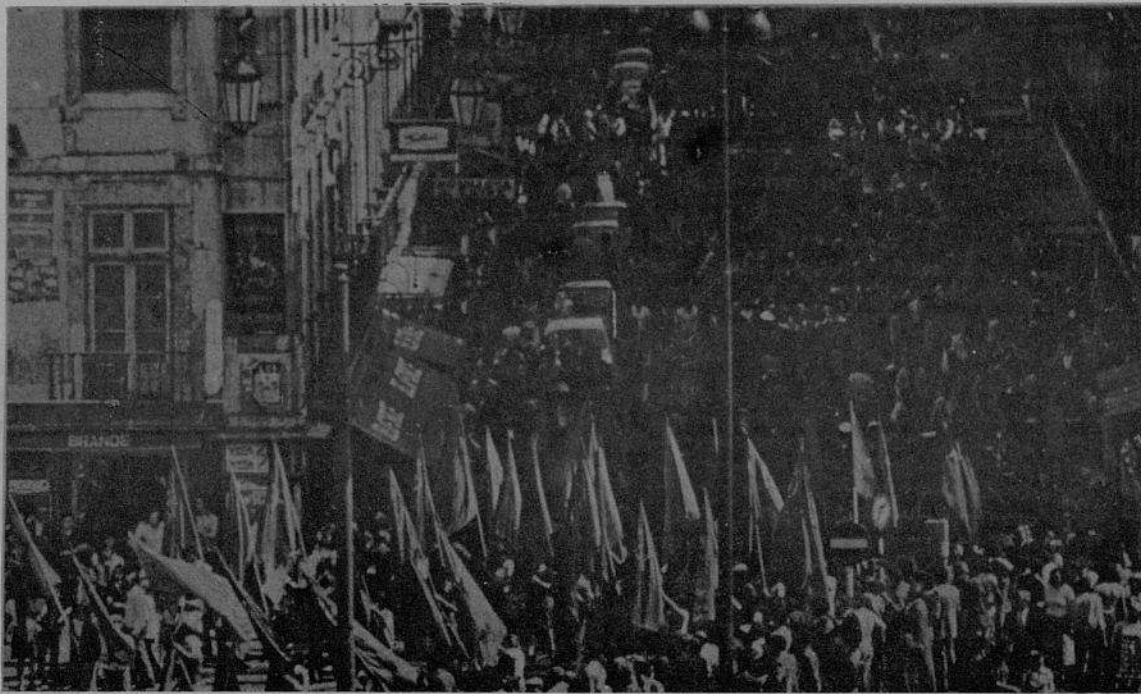
2ª-ESCALA PARA PESSOAL INACTIVO

Exige-se a existência de uma escala de pessoal que vai saindo das obras por motivo do seu trabalho acabar, por cate-

ras semanais, cabe a todos os camaradas levá-lo à prática a partir de hoje, não cedendo a qualquer manobra que o patronato ou os seus lacaios venham a tentar contra o cumprimento desta decisão e comunicando imediatamente à Comissão de Trabalhadores essas manobras.

Quanto ao saneamento a Comissão de Trabalhadores após o aviso aos saneados, se estes tentarem entrar nas instalações da Empresa, mobilizará todos os camaradas que julgar necessário e se necessário todos os operários da empresa para pôr na rua esses lacaios.

O 1º de Maio em Portugal



Por todo o país o 1º de Maio foi comemorado, com grandes manifestações, em que a classe operária e dezenas de milhares de trabalhadores vieram para a rua mostrando a sua determinação na luta contra o fascismo, capitalismo e os imperialismos de toda a espécie.

Em Lisboa, realizou-se uma grande jornada revolucionária que começou às 10 horas da manhã, no Terreiro do Paço, com canções revolucionárias, teatro e que se prolongou pelo dia fora, com uma grandiosa manifestação em que cerca de 80 000 pessoas desfilaram pela cidade, respondendo ao apelo das seguintes organizações revolucionárias: CMLP, OCMLP e ORPC (m-1) que foram apoiadas pelo PUP, FEC (m-1) e UDP.

Esta grandiosa jornada de luta terminou com um comício em que ficou bem vincada a força da classe operária na sua luta pela REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA POPULAR.

A quem serve o nosso dinheiro?

Não se ouve dizer mais nada aqui na emigração se não que é preciso ajudar o Governo português. São os Bancos, é a Junta da Emigração, o Consulado e até o partido revisionista do Álvaro Cunhal diz que Portugal precisa da nossa ajuda. Dizem que devemos enviar todo o nosso dinheiro para fazer um Portugal novo.

Não, camaradas, não vamos acreditar nessa corja de mentirosos, inimigos do povo trabalhador.

Na verdade o povo português precisa da nossa ajuda, mas é para lutar contra todos os fascistas que hoje em Portugal são democratas e são esses senhores "democratas" que não têm a vergonha de pedir auxílio aos trabalhadores emigrantes, para melhor encher as suas carteiras, para amanhã nos poderem melhor explorar.

Não, camaradas, não nos deixemos enganar por estes "democratas" que nunca fizeram nem querem fazer nada pelos trabalhadores, a não ser dar-lhes miséria e sofrimento e que querem continuar com mais força a sua exploração sobre nós, à custa do que nós ganhamos com as nossas forças e o nosso suor.

Não é ajudando essa cambada de parasitas, nem mandando dinheiro para Portugal que os nossos problemas acabam. Não, não é com dinheiro, mas sim na luta dia a dia, nas fábricas, nos campos, nas obras e em toda a parte onde houver parasitas a viver à custa do nosso suor sejam eles fascistas ou "democratas."

CASAS, SIM barracas, não!



Dia 17 de Maio houve uma manifestação convocada pelas comissões de moradores dos bairros da lata de Lisboa, com o apoio de varias Organizações, que teve milhares de pessoas entre 8 mil a 10 000, sendo tudo gente do povo.

Havia bandeiras com as seguintes palavras de ordem:

- casas sim, barracas não !
- sim às ocupações !
- Não ao Decreto-Lei ! (1)

A manifestação que começou no Parque Eduardo VII foi até St. Bento. Em St. Bento os manifestantes não arrancaram de lá enquanto os tipos do Governo não se dispuseram a dar uma satisfação.

Foi uma manifestação muito importante, mas a imprensa burguesa não lhe deu muita divulgação, o que deixou muita gente admirada. Mas nós já não temos que nos admirar se a imprensa burguesa

O QUE É A POLITICA?

Camaradas, para nós proletários o que é afinal a política? Pois a política não é mais do que a nossa luta constante, por tudo aquilo que a sociedade capitalista nos recusa, tais como, direito de todos ao ensino, à habitação, à saúde física e mental, etc. Porém isto neste momento não é só aquilo porque lutamos. Pois o nosso principal objetivo é a Sociedade Socialista, onde se acaba de vez com os capitalistas, os patrões, os privilegiados e se construa a sociedade sem classes e a propriedade social. Resumindo, acabar de vez com o sistema desumano que é o sistema capitalista.

Por isso camarada explorado, não analyses as questões pelas linhas que te dão os patrões e a burguesia, através dos jornais burgueses, a rádio e a televisão, mas sim no interesse e na perspectiva da classe operária, isto é, analisar a fundo porque é que os nossos filhos não têm escolas, porque pagamos mais de metade do nosso ordenado para as rendas de casa (os que têm casa). Pois muitos de nós são postos de lado porque nem casa têm. Devemos também analisar a razão pela qual num país onde existem montes de hotéis, de "boîtes" e cinemas, não há sequer infra-estruturas (ou seja condições mínimas) nos locais onde vivemos, tais como esgotos, luz, água, ruas, etc.

Camaradas, isto são só algumas das questões de fundo que nos afectam e é sobre elas que devemos debruçarmo-nos e organizarmo-nos, para podermos resolvê-las, pois não tenhamos dúvidas que, só a quem os problemas se põem, os poderão resolver.

Organiza-te, camarada, participa, discute, na tua empresa, em comissões de trabalhadores, nos bairros em comissões de moradores e de saúde nas organizações que defendam intransigentemente (com toda a força) as posições correctas na perspectiva do proletariado, do interesse das classes exploradas.

Esta é a nossa posição. É também a dos camaradas da EFACEC-Jornal da Greve (Suspensa)- nº 51, donde retiramos este artigo.



tenta ocultar estas acções do povo trabalhador, o que temos é de continuar a organizarmos e avançar em acções cada vez mais eficazes para destruir o nosso inimigo de classe.

(1) Decreto-lei feito pelo MFA que proíbe as ocupações das casas.

Nota: por falta de espaço não podemos publicar um artigo sobre o apoio dado pela F.E.C. (m-1) às ocupações de casas. Nesse artigo fica bem claro que a F.E.C. não apoia a ocupação das casas pertencentes a trabalhadores emigrados.

Dir. J.P. Sartre Imprimeurs Libres
Nº d'insc. com. paritaire 53381